VIVÊNCIAS DA ABSTINÊNCIA: AS SIGNIFICAÇÕES DO USO DE DROGAS AO LONGO DA TRAJECTÓRIA DE EX-CONSUMIDORES DE DROGAS DURAS

FÁTIMA MENDES, CELINA MANITA

RESUMO: Apresentam-se os resultados de um estudo qualitativo que se debruçou sobre a forma como indivíduos ex-dependentes de drogas duras vivenciam a abstinência versus o consumo. Obteve-se um conjunto de significações positivas e negativas associadas a diferentes componentes e em diferentes momentos das trajectórias, salientando-se o peso das dimensões psicológicas e sociais em contraponto com as biológicas. Além disso, foi feita a caracterização de diferentes trajectórias de evolução das posições de significação transgressiva, umas que apontam no sentido da manutenção de níveis elevados de autodeterminação, e outras que indicam momentos em que há maior ou menor perda de poder sobre si.

Palavras-chave: Significações; Abstinência; Drogas duras; Posições de significação transgressiva; Análise de conteúdo.

RÉSUMÉ: Ce texte présente les résultats d'une étude qualitative sur la façon dont des ex toxicomanes de drogues dures vivent l'abstinence par opposition à la consommation. On a obtenu un ensemble de significations positives et négatives associées à différentes composantes et en différents moments des trajectoires, en ressortant l'importance des dimensions psychologiques et sociaux par opposition à les biologiques. De plus, on a fait une caractérisation de différentes trajectoires de l'évolution des positions de signification transgressive, les unes qui indiquent la manutention de niveaux élevés d'autodétermination, les autres qui signalent des moments dans lesquels li y a une perte de pouvoir, majeure ou mineur, sur soi même.

Mots-clé: Consommation; Abstinence; Drogues dures; Transgression; Analyse.

ABSTRACT: It is presented a study realised with an ex-heavy drug users sample. Some of them abandon drug use by resorting to treatment, while others made that in a spontaneous way. It was made an individual analyse of the drug use trajectories of each subject taking into account the evolution of the transgressive meaning positions and it was made a content analyse of the participant's general speech.

It was possible to find a set of positive and negative meanings associated with different components and in different moments of the trajectory. The subjects are capable of detect not only the social degradation effects that the drug use proportionate, but also positive factors such as, the maintenance of high levels of self-determination, or, on the other side, moments in which there is, a bigger or smaller loss of self power.

Key Words: Drug abuse; Abstinence; Heavy drugs; Transgression; Analysis.

1. INTRODUÇÃO

Embora os estudos sobre a toxicodependência tenham vindo a aumentar nos últimos anos, constatamos que estes ainda são escassos, principalmente aqueles que seguem uma metodologia mais qualitativa.

Constatamos ainda a escassez de estudos portugueses sobre o tema do abandono da toxicodependência. No entanto, é um tema que parece interessar a opinião pública e a ciência, sobre o qual muito se especula, sobre o qual encontramos uma grande falta de consenso e que suscita muitas interrogações. Parece-nos, portanto, de todo o interesse, desenvolver investigação nesta matéria.

É exactamente sobre o tema do abandono da toxicodependência que incide este texto.

Procurando apresentar um estudo empírico que se desenvolveu sobre o fenómeno, começaremos por referenciar a abordagem teórica, para posteriormente incidirmos a nossa atenção sobre a metodologia usada e sobre os resultados obtidos.

A partir do próprio discurso dos ex-dependentes de drogas duras, pretendeu-se analisar as significações que estes atribuem ao não consumo versus ao consumo de drogas e o impacto que essas significações têm nas suas vidas.

Por um lado, pretendeu-se aplicar a Teoria do Sujeito Autopoiético ao discurso dos próprios actores do fenómeno, procurando responder a estas questões:

- Em que posições de significação transgressiva se situam os ex-toxicodependentes?
- E em que posições de significação transgressiva se situavam quando consumiam?
- Como evoluem os sujeitos ao longo da trajectória de consumo/abstinência relativamente às PST?
- Que relações encontramos entre as PST e as práticas de consumo /abstinência?

Por outro lado, pretendeu-se analisar em profundidade as trajectórias de vida dos sujeitos, com vista a responder às seguintes questões:

- Que significações aparecem associadas ao consumo? Que significações aparecem associadas à abstinência?
- Finalmente, procurou-se integrar os resultados encontrados, indagando:
- Que relações encontramos entre as PST e as significações associadas ao consumo?
- Que relações encontramos entre as PST e as significações associadas à abstinência?
- Podemos falar em diferentes tipos de ex-consumidores?
- Se sim, em que se distinguem os diferentes grupos encontrados?

2. TOXICODEPENDÊNCIAS: IMPORTÂNCIA DAS SIGNIFICAÇÕES

À semelhança de diversos autores, consideramos que dificilmente podemos compreender o funcionamento psicológico e o comportamento humano se não tivermos em atenção o peso das significações como variáveis mediadoras. Quando abordamos comportamentos tão complexos como o consumo de drogas e o fenómeno da toxicodependência, quer do ponto de vista da compreensão, quer da intervenção, é indispensável tê-las em linha de conta na medida em que desempenham um papel fundamental no processo de construção e evolução das trajectórias de consumo.

O estudo de Manita, Negreiros e Agra (1997), sobre as significações em trajectórias de droga – crime, pôs em evidência o facto de as significações e os sentidos constituírem mediadores da relação do indivíduo consigo próprio, com a sua acção e com os outros. Daí constatar-se, também, que indivíduos com comportamentos aparentemente similares, tenham posições de significação transgressiva diversas e, às vezes, até opostas, evoluindo segundo trajectórias distintas. Temos, pois, de olhar para o consumidor de drogas tentando aceder ao seu interior, procurando compreender os significados particulares que orientam as suas acções.

Do ponto de vista da Teoria do Sujeito Autopoiético e partindo da noção de posição de significação existencial (PSE) e de posição de significação transgressiva (PST), o consumo de drogas é um modo de vida, um plano de significação existencial determinado pelo consumo de substâncias. O toxicodependente não é um imoral, um doente, nem um delinquente, mas alguém que conduz a sua vida num dado quadro de significação.

À luz da Teoria do Sujeito Autopoiético, uma situação de toxicodependência grave caracteriza-se por um estado em que o indivíduo, enquanto sistema, se encontra afectado

nas suas capacidades de auto – determinação e auto – organização. De salientar que tal situação é dinâmica, podendo evoluir noutras direcções e complexificar-se, complexificando também os seus processos psicológicos, as suas acções, sentidos e posições existenciais. Assim sendo, é possível ao indivíduo recuperar as suas capacidades de auto – organização, seja sozinho, de uma forma espontânea, seja com ajuda psicoterapêutica.

Este modelo conceptualiza o sujeito psicológico como um sistema complexo auto – organizado, sistema este que engloba três subsistemas: o subsistema da personalidade, o subsistema da acção e o subsistema da significação.

O sistema de personalidade e o sistema de acção estabelecem entre si relações mutuamente produtoras: o sistema de personalidade, ou matriz do sistema psíquico (forma), é matriz de produção do sistema de acção e define as condições da sua possibilidade; enquanto o sistema de acção (conteúdo) é processo de materialização da personalidade e define as condições da sua operacionalidade (Agra, 1990a, c; cit. in Santos, 1998).

É da relação entre sistema de personalidade e sistema de acção que surge o sistema de significação, ou seja, os sentidos e as significações que o sujeito dá às suas vivências e acções resultam de uma relação circular entre personalidade e acção (Agra, 1990, cit. in Santos, 1998).

O sistema de significação está organizado em planos de significação existencial (PSE) estratificados, que definem a intencionalidade ou finalidade do sistema-sujeito. Um plano de significação "é uma forma de manifestação de si e um modo de apreensão do real e de postura no mundo. Eu, enquanto conjunto inter – articulado de possibilidades biológicas, psicológicas e sociais, enquanto conjunto de possibilidades psicofisiológicas, expressivas, afectivas, cognitivas, experienciais e políticas, enquanto sistema de acções etológicas, eto-éticas, ético-etológicas e éticas, constituo uma unidade de significação no mundo, através do jogo das interacções e da concretização das minhas possibilidades de ser" (Santos , 1998, p. 316).

Agra (1990) descreve quatro planos de significação, que resultam da relação entre o sistema de personalidade e o sistema etoético: o ontológico, o deontológico, o lógico e o teleológico.

O Plano Ontológico é o que emerge das relações entre os níveis psicobiológico e etológico. A significação é factual e positivista, construída a partir da percepção ("o que é, é"). Diz respeito a formas de existência baseadas no imediato e no absoluto, onde a subjectividade é a sensação e a percepção; a finalidade do sistema centra-se na satisfação das necessidades e na conservação do organismo.

O Plano Deontológico resulta das relações entre os níveis afectivo e expressivo e etológico-ético. Ainda estamos perante uma lógica causalista, mas as finalidades sociais já irão concorrer com as finalidades orgânicas do sistema e o sujeito começa a perceber que os seus actos têm efeito no mundo.

O Plano Lógico emerge das relações entre os níveis cognitivo e experiencial e o ético-etológico. O sujeito psicológico reconhece o poder do pensamento sobre a sua experiência; já é capaz de definir uma lógica para o conjunto dos seus actos, de procurar uma unidade para as suas contradições.

O Plano Teleológico resulta das relações entre os níveis experiencial e político e o ético. O sujeito percebe-se como produzido e como produtor. É o nível de mais plena concretização do Sujeito Autopoiético. O sujeito construiu uma identidade, o que lhe permite abrir-se a outros sistemas e deixar-se afectar pela subjectividade, podendo articular a sua experiência de existência individual com a experiência da existência colectiva.

Cada plano de significação existencial corresponde, portanto, a diferentes graus de complexidade e de auto-organização. Quando aumenta a complexidade das finalidades do sistema, aumentam as possibilidades de escolha e o poder de auto-organização do sistema.

De salientar que, dentro de cada um destes planos, existem posições intermédias entre planos, com múltiplas possibilidades de combinação.

Agra (1990) faz corresponder aos planos de significação existencial, 4 posições de significação existencial (PSE), que, quando aplicadas ao fenómeno da transgressão, permitem definir 4 posições de significação transgressiva (PST). São elas: a posição substantiva, a posição solidária, a posição solitária e a posição projectiva.

Na posição de significação substantiva (que corresponde ao plano ontológico), a acção do sujeito não é auto-determinada, mas antes determinada por algo que é exterior a ele e que o condiciona. O que domina o comportamento do sujeito são as determinações biológicas; não há qualquer

intencionalidade nem lógica no seu acto. O indivíduo age de acordo com uma natureza e um fatalismo biológico ou outro, que não controla, que não percebe nem questiona. É o "agir por agir". A este nível, o indivíduo transgride porque é obrigado a isso, por forças externas a ele, que não dependem dele.

Na posição de significação solidária (correspondente ao plano deontológico), a acção do sujeito é regida pelas normas do grupo; o indivíduo encara a norma como a forma natural do agir e adere a essa mesma norma de uma forma consciente mas acrítica, sem nunca a pôr em causa. Ao contrário da posição substantiva, já existe uma certa auto - determinação no acto do sujeito, mas a ética subjacente é sempre determinada pelo grupo dominante. É a lógica do "sou o que eles são, faço o que eles fazem". A este nível, o indivíduo transgride porque os outros com quem convive também transgridem.

Na posição de significação solitária (correspondente ao plano lógico), a acção do sujeito já é orientada por uma lógica pessoal; já é fortemente auto- determinada. O sujeito possui um saber de si sobre si e as suas acções são já intencionais. O sujeito acredita no seu próprio poder criador. Nesta lógica, a transgressão é encarada como resultado de um projecto de vida que o sujeito escolheu para si próprio.

Na posição de significação projectiva (correspondente ao plano teleológico) a acção do sujeito é caracterizada pela capacidade de se descentrar de si mesmo e de agir de acordo com um projecto global que está para além dele próprio. A acção do indivíduo visa a transformação social e histórica. A este nível (plano ético superior) a transgressão surge na lógica de uma "ética geral da existência"; é um nível que se encontra numa percentagem mínima de pessoas.

Cada uma destas posições de significação resulta de um processo de construção de sentidos que se vai fazendo à medida que o sujeito vai atribuindo significado aos seus actos.

Saliente-se que, aquilo que aparentemente pode parecer um mesmo acto objectivo, pode corresponder a diferentes posições de significação transgressiva com diferentes níveis de complexidade,

Além disso, como constataram Manita, Negreiros e Agra, 1997 (cit. in Santos, 1998), em qualquer PST actuam, não só o plano de significação correlativo dominante[1], mas sempre, também, uma ontologia, uma deontologia, uma lógica e uma teleologia da acção.

Desta constatação, resultaria a proposta de definição de posições compósitas, para além das 4 anteriormente descritas (Santos, 1998).

Consideremos, então, no total, 16 posições de significação transgressiva compósitas ou não[2], ordenáveis segundo níveis de auto – organização, de integração significante e de complexidade crescentes: posição substantiva, posição substantiva-solidária, posição substantiva-solitária, posição substantiva-projectiva, posição solidária-substantiva, posição solidária, posição solidária-solitária, posição solidária--projectiva, posição solitária-substantiva, posição solitária--solidária, posição solitária, posição solitária-projectiva, posição projectiva-substantiva, posição projectiva-solidária, posição projectiva-solitária e posição projectiva.

3. O ABANDONO COMO UMA FASE DA TRAJECTÓRIA

À semelhança de autores como Waldorf (1983) ou Faupel (1991), encaramos o consumo de drogas como uma trajectória de vida. Assim sendo, considera-se o abandono como uma das fases dessa trajectória.

A investigação levada a cabo por R. Castel *et. al.* (1998, cit. Duprez D. & Kokoreff, 2000) no início dos anos 90 partindo de uma definição sociológica da toxicomania como "linha biográfica dominante", privilegiava os processos de abandono em termos de "reconceptualização da existência". A questão não é só parar de consumir, mas, também, mudar o modo de vida, "cortar os laços" com as relações sociais e os diversos compromissos que lhe estão associados, frequentar outros meios.

Waldorf e Biernacki (1982) fazem uma revisão de estudos realizados sobre o abandono dos consumos de drogas, constatando a existência de estudos que sugerem que a percentagem de casos de remissão espontânea entre toxicodependentes de heroína é bastante elevada. A partir destes resultados, os autores concluíram que há diversos tipos de abandono dos comportamentos aditivos e diversas formas de construir tal mudança, defendendo a necessidade de uma maior compreensão da carreira da toxicodependência.

Investigadores como Waldorf (1983) ou Pallarés (1995), verificaram que as condições para a mudança nascem numa fase disfuncional do ciclo da vida aditiva podendo esta vir ou não a acontecer, dependendo das condições de desenvolvimento. A apreciação negativa de alguns elementos precipita a visão igualmente negativa de outros e pode chegar a definir a situação como insustentável e, muito provavelmente, a tentar deixar a heroína ou a descentrar o papel que tinha nas suas vidas. É o que os toxicodependentes definem como "tocar no fundo" e o que na literatura aparece como a "situação limite". A situação como limite refere-se mais a aspectos da vida quotidiana do que à substância e comporta uma certa "crise".

Desde que se começa a perceber a situação limite até que se levam a cabo iniciativas concretas para deixar a heroína, decorre um tempo de amadurecimento no qual se reinterpretam os acontecimentos e / ou se dá importância a elementos perdidos que passavam despercebidos. Mais do que uma mudança objectiva, é uma mudança ao nível da percepção que faz com que aquela lógica do toxicodependente de que "estou bem assim" se perceba antes como "isto não pode ser".

4. AMOSTRA

Os resultados do nosso estudo reportam-se a um total de 10 sujeitos, sendo 8 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 26 e os 36 anos, sendo que 5 sujeitos são solteiros, 4 são casados e 1 é separado de facto. Metade da amostra tem filhos e outra metade não tem. Quanto às habilitações literárias, oscilam entre o 7º ano de escolaridade e a frequência universitária. Em termos de situação profissional, 8 indivíduos estão empregados, 1 está desempregado e outro é estudante. A idade de início do consumo de drogas duras, varia entre os 14 e os 25 anos. O tempo de consumo de drogas duras, por sua vez, oscila entre os 3 e os 12 anos, sendo a média de 6,5 anos. O tempo de abstinência de drogas duras varia entre 1 e 9 anos, sendo a média de 5,15 anos. Quanto à idade de abandono do consumo de drogas duras, esta varia entre os 21 e os 32 anos, sendo a média de 24,8.

Destes 10 sujeitos, 2 são ex-dependentes de heroína, 1 é ex-politoxicodependente, 1 é ex-dependente de cocaína e 6 são ex-dependentes de heroína e cocaína. Relativamente às drogas consumidas actualmente, todos os sujeitos consomem tabaco, 4 indivíduos consomem álcool e 3 sujeitos consomem haxixe. No que se refere à via de consumo utilizada antes de abandonarem os consumos, 3 dos sujeitos consumiam por via endovenosa, enquanto todos os restantes consumiam por via inalada.

No que diz respeito ao modo de abandono dos consumos, 6 indivíduos recorreram a tratamento, enquanto 4 não recorreram a qualquer tipo de tratamento. Dos 10 participantes, só 2 é que iniciaram o seu percurso nas drogas com a heroína, tendo os restantes iniciado os consumos com o haxixe. Do total dos participantes, só um indivíduo refere ter tido consumos esporádicos de drogas duras no último ano. Os restantes mantiveram abstinência total de drogas duras.

Relativamente à existência ou não de outros casos de toxicodependência na família, só um dos participantes responde afirmativamente a esta questão.

Nenhum dos participantes teve problemas com a polícia relacionados com os consumos.

Quanto a problemas de saúde relacionados com o consumo de drogas, um dos sujeitos é seropositivo para o HIV, e outro tem hepatite C. Todos os outros não referem quaisquer problemas de saúde.

5. MÉTODO

Para atingir os objectivos propostos recorreu-se a um método biográfico (através do uso de narrativas), em nosso entender, o que melhor permite captar o sentido e as significações associadas às acções, no presente caso, ao consumo e à abstinência de drogas. À semelhança de autores como Ferrarotti (1983), consideramos que o uso do método biográfico tem o mérito, não só de permitir o estudo do indivíduo na sua singularidade, como também de possibilitar a revelação de todo um sistema social.

Assim tivemos acesso ao discurso directo dos actores que quisemos estudar, actores, esses, que, melhor do que ninguém, nos poderiam contar de forma autêntica as suas histórias de vida.

Optou-se por uma amostragem centrada na significação e não na representatividade. Para tal, seleccionaram-se participantes que preenchessem os critérios de "peritos

experienciais" no fenómeno – aqueles que possuem sobre ele um conhecimento particular e aprofundado e que podem maximizar a informação que pretendemos recolher (Morse, 1994). No nosso caso seleccionaram-se indivíduos que, tendo sido dependentes do consumo de drogas duras, não preenchiam na altura os critérios de Dependência ou Abuso, desde há pelo menos um ano, e que não se encontravam sujeitos a qualquer tipo de tratamento farmacológico da dependência (seja com antagonista, seja com droga de substituição).

Foram realizadas entrevistas abertas semi – estruturadas, através das quais recolhemos narrativas autobiográficas. Estas narrativas foram registadas em meio audio, com o consentimento prévio dos participantes.

Para a realização das entrevistas, foi previamente elaborado um guião cujas questões contemplavam cinco grandes áreas da vida do sujeito: o abandono dos consumos, a história dos consumos, o estilo de vida antes de abandonar os consumos, o estilo de vida actual e a história pessoal.

As entrevistas foram transcritas na sua íntegra e submetidas a uma análise de conteúdo categorial[3].

A categorização[4] das narrativas obedeceu a um critério semântico, ou seja, à medida que íamos analisando os dados, íamos escolhendo temas que funcionariam como placas identificatórias, onde agruparíamos todos os temas significantes comuns que se incluíssem nessa categoria maior.

A análise categorial que fizemos, obedeceu a um procedimento "por milha" (Bardin, 1977), na medida em que não seguimos uma grelha de categorias prévias. Obtivemos, numa primeira fase, 32 categorias gerais, que, no final, fruto de um reagrupamento de acordo com a proximidade semântica dos conteúdos, deram origem a um total de 15 categorias. Para cada uma destas categorias foram considerados dois eixos temporais distintos: vida de consumo e vida de abstinência. Dentro de cada um destes eixos temporais consideramos dois momentos: início e continuação.

Paralelamente à análise de conteúdo do discurso geral das narrativas, procedemos a uma análise individual de cada um dos participantes, procurando compreender como evoluem as PST definidas por Cândido Agra no âmbito da sua Teoria do Sujeito Autopoiético ao longo da trajectória de vida (início e manutenção do consumo, início e manutenção da abstinência).

Uma vez que não existe ainda uma unidade de aplicação e operacionalização da Teoria do Sujeito Autopoiético e das Posições de Significação Transgressiva, as sinopses das entrevistas foram submetidas a uma análise de conteúdo com recurso ao método dos juízes independentes. Para tal, foi analisado o grau de concordância entre a classificação da investigadora e de dois juízes independentes. A classificação final resultaria de uma concordância entre 2 ou 3 juízes.

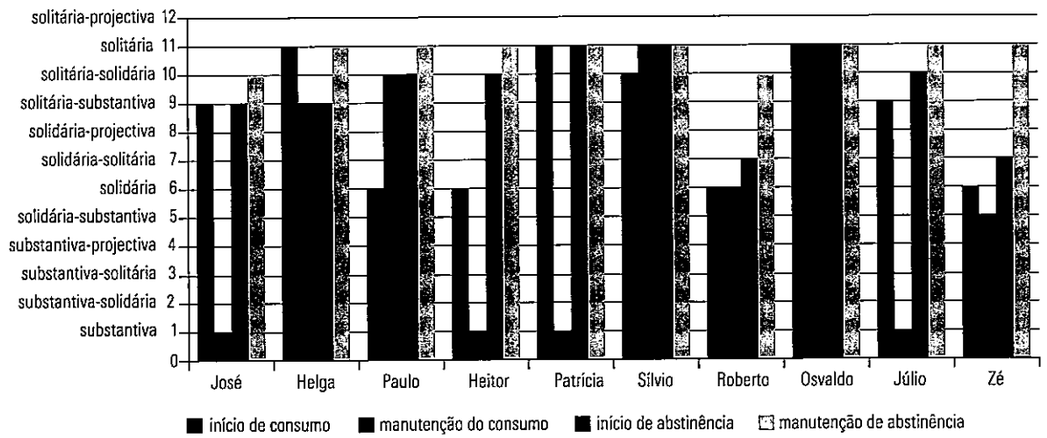

Gráfico 1 – Evolução das PST ao longo das trajectórias

Analisado o discurso individual de cada sujeito, (cuja síntese dos resultados apresentamos no gráfico1), verificamos que existem dois tipos de indivíduos que iniciam a sua carreira de consumo: "solidários" e "solitários".

Ao chegarem à fase de manutenção do consumo, os solitários dividem-se em dois subgrupos distintos: aqueles que conseguem manter-se numa PST predominantemente solitária (solitários), e aqueles que passam a situar-se numa PST predominantemente substantiva (substantivos). Contudo, na fase de início de abstinência, os substantivos recuperam a subjectividade e o poder sobre si anteriormente perdidos, evoluindo novamente para a PST predominantemente solitária. Assim, nas fases de início de abstinência e de manutenção da mesma, solitários e substantivos voltam a fazer parte de um mesmo grupo de solitários.

Paralelamente, os solidários, na fase de manutenção do consumo, dividem-se em três subgrupos distintos: aqueles que evoluem para níveis de significação mais elevados, tornando-se solitários; aqueles que continuam a situar-se numa PST predominantemente solidária, e os que atingem níveis de significação mais baixos, passando a situar-se numa PST predominantemente substantiva. Posteriormente, tanto no início da fase de abstinência como durante a sua manutenção, os que se tornaram solitários mantêm-se solitários e os que se tornaram substantivos evoluem para o estatuto de solitários. Aqueles que continuaram a situar-se numa PST preponderantemente solidária, mantêm-se neste nível no início de abstinência, mas com a continuação desta, ganham em subjectividade e em poder sobre si, atingindo a posição de significação predominantemente solitária.

6. DISCURSO GERAL DOS EX-DEPENDENTES: SENTIDOS EMERGENTES

Da análise categorial do discurso geral dos sujeitos, resultou um total de 15 categorias e de 38 subcategorias. Exceptuando uma categoria (antecedentes de consumo), que, como o próprio nome indica, é relativa a factores que antecederam a trajectória dos consumos, todas as outras 14 categorias (facilitadores do não consumo, facilitadores do consumo, consequências das drogas, gestão das drogas, posições face aos toxicodependentes, posições face aos toxicodependentes, projecção no futuro, posições face ao consumo, posições face ao não consumo, posições face ao tratamento, estratégias para consumir, estratégias para não consumir, crenças sobre a toxicodependência e consequências da abstinência) foram analisadas longitudinalmente, desde que o sujeito inicia a sua trajectória de consumo de drogas duras até ao momento actual em que mantém a abstinência. Estes dados estão sintetizados na tabela1.

Tabela 1 – Categorias e sub-categorias

Categorias	Sub-categorias	vida de consumo		vida de abstinência	
		início	cont^ao	início	cont^ao
Facilitadores do consumo	de carácter psicológico	x	x	x	
	de carácter social	x	x	x	x
	de carácter biológico	x	x		
Facilitadores da abstinência	de carácter social		x	x	x
	de carácter biológico		x		x
	de carácter psicológico		x		x
Consequências das drogas	a nível psicológico		x		x
	a nível biológico		x		
	a nível social		x	x	x
	não fazer efeito nenhum	x			
Gestão das drogas	poder sobre as drogas		x	x	x
	prejuízo de outras áreas da vida		x		
Posições face aos toxicodependentes	Afastamento	x	x	x	x
	Aproximação		x		x
Projecção no Futuro	objectivos normativos		x	x	x
	objectivos não normativos		x		x

Continua

Continuação

Tabela 1 – Categorias e sub-categorias

Categorias	Sub-categorias	vida de consumo		vida de abstinência	
		início	cont^ao	início	cont^ao
Posições face ao tratamento	Iniciativa		x	x	
	Importância atribuída		x	x	x
Posições face ao consumo	avaliação da experiência	x	x	x	x
	permissão da experiência	x	x		x
	compreensão da experiência		x		x
Posições face à abstinência	conseguir prespectivar vida sem droga			x	x
	difícil perspectivar vida sem droga		x	x	x
Estratégias para consumir	Desviantes		x		
	Normativas		x		
Estratégias para não consumir	aproximação do mundo "normalizado"		x	x	x
	ter outros comportamentos aditivos		x	x	x
Reacção dos outros	Positivas		x	x	x
	Negativas		x	x	x
Consequências da abstinência	de carácter psicológico		x	x	x
	de carácter social			x	x
	de carácter biológico				x
Crenças sobre a toxicodependência	o poder do sujeito é superior ao da droga				x
	o poder da droga é superior ao do sujeito				x
Antecedentes do consumo	relação com a norma				
	relação com os outros				
	contexto envolvente				
	relação consigo próprio				

7. SÍNTESE INTEGRATIVA

O discurso directo dos ex-consumidores que participaram neste estudo dá-nos conta de que a experiência com drogas tem uma natureza biopsicossocial, o que é congruente com a literatura existente. A opção pelo consumo ou pela abstinência tem grandes implicações na vida do indivíduo, a estes três níveis.

Apesar do consumo e da abstinência serem dois estados aparentemente opostos, encontramos motivações semelhantes para optar por um ou por outro estado. Tanto a abstinência como o consumo, originam bem-estar ou mal-estar físico (carácter biológico), aumento ou diminuição das competências pessoais (carácter psicológico), integração ou exclusão social (carácter social). Tudo depende da fase da carreira de consumo em que o indivíduo se encontra, bem como das características pessoais do sujeito e da sua história de vida.

Constatamos que, quem consumiu drogas e actualmente não consome, não deixou porém de gostar dessas substâncias, muito pelo contrário; em alguns casos até continua a sentir falta de "estar alterado" sob o efeito dessas substâncias. É verbalizado pela maioria dos ex-dependentes, que, se o consumo não trouxesse as consequências que traz, continuariam a consumir. À semelhança do estudo de Romani (1985), constatamos que foi um conjunto de situações insustentáveis que impulsionaram o desenvolvimento do processo de abandono e não o facto de eles não gostarem de consumir. Simplesmente, chegou um momento em que o sofrimento implicado já não compensava. Em geral, abandonaram-se os consumos porque não era compatível manter as drogas e uma série de coisas que são importantes para a realização da pessoa enquanto actor social.

O uso de drogas começou por ser uma tentativa de autocriação e de plena realização por parte dos sujeitos, mas, posteriormente, alguns dos nossos entrevistados chegaram a uma fase da trajectória de consumos em que tudo passou a resumir-se unicamente à substância, onde não havia espaço para qualquer outra projecção no futuro. Outros, embora nunca chegassem a entrar neste registo, conseguindo manter o emprego e alguma integração social, em algum momento da sua carreira desviante depararam-se

com um medo muito grande de que tal degradação viesse a acontecer. Foi sobretudo este confronto com a degradação ou com o medo dela que os fez vacilar, que os fez ficar no fio da navalha, entre a vida desviante de consumidor e a vida normativa de abstinente. Foi nessa altura que começaram a pôr em causa um determinado estilo de vida e a ponderar a hipótese de mudar. Às coisas boas que as drogas proporcionam contrapõem-se as más, que se prendem com implicações biopsicossociais que reduzem o potencial de expansão do indivíduo enquanto ser humano com potencial criativo.

Efectivamente, com o continuar da carreira de toxicodependente, as regras do "jogo" invertem-se e o indivíduo passa a estar ao serviço da substância, em vez de ser a substância que está ao seu serviço. Em vez de continuar a evoluir como sistema autopoiético, acontece o contrário, em vez do seu espaço existencial ser alargado, passa a ser reduzido. Chegando, em alguns casos, ao ponto de o indivíduo mais não ser do que um corpo, isto é, os afectos, a relação com os outros, os valores e projectos do indivíduo deixam de ter voz, para dar voz apenas à linguagem básica do corpo, passa a ser a linguagem neurofisiológica a comandar o sistema psicológico e como é evidente, o campo existencial da pessoa em causa fica extremamente reduzido (Agra, 1990).

À medida que os nossos sujeitos se foram libertando do "jogo trágico", à medida que se foram tornando independentes da substância, foram alargando os seus horizontes, foram-se apoderando novamente de espaços existenciais que tinham perdido, portanto, foram readquirindo poder sobre si e sobre a sua vida. Voltaram a fazer projectos, voltaram a querer concretizar uma série de objectivos que os fazem sentir-se realizados como pessoas. Os indivíduos quiseram recuperar um papel activo na sociedade, um papel em que possam ser aceites e reconhecidos. Ora, tal papel aparece muitas vezes como inconciliável com o comportamento de consumo de drogas, especialmente o consumo de drogas como a heroína e a cocaína.

Constatamos também, que todos os indivíduos da amostra, independentemente de iniciarem os consumos fazendo parte do grupo dos "solitários" ou do grupo dos "solidários", na fase de saída das drogas recuperaram a subjectividade e complexidade perdidas ou evoluíram para níveis de significação mais elevados, passando todos a situar-se numa PST solitária.

Assim, podemos concluir que, apesar da experiência de toxicodependência traduzir um "jogo trágico", transporta consigo novas oportunidades de experiência de si e de descoberta do poder de si sobre si.

Efectivamente, ficamos com a sensação de que, em geral, os participantes deste estudo conseguem integrar a "tragédia" do "jogo" em que participaram de uma forma positiva, concluindo que tal experiência lhes possibilitou o aumento do auto-conhecimento.

À semelhança dos resultados encontrados por Duprez D. & Kokoreff (2000), este estudo vem também concretizar a ideia de que, o fenómeno da toxicodependência e do abandono desta não se reduz às substâncias, dependendo de um conjunto de factores. Aliás, constatamos até, que os factores biológicos aparecem com menor peso do que os factores psicossociais.

Constatamos que a opção pelo consumo ou pela abstinência passa menos pela substância em si do que por factores psicossociais, como, por exemplo, o poder simbólico da substância, a integração num grupo social, o poder económico, a vontade de realização pessoal, entre outros. Estes dados são congruentes com abordagens como o Interaccionismo Simbólico, que desvalorizam a vertente farmacológica, apelando para a importância do valor simbólico que o uso de determinada substância tem.

Constatamos, ainda, que não há uma forma de abandonar o consumo, mas sim uma diversidade de formas: encontramos indivíduos que recorrem a tratamento e indivíduos que deixam de consumir espontaneamente; indivíduos que abandonaram também o consumo de drogas leves e outros que mantêm o consumo destas substâncias; indivíduos que tiveram o apoio da família e outros que não tiveram esse apoio.

Tal como não há uma forma de abandonar o consumo de drogas duras, também não há uma única trajectória de consumo/abstinência. Configuramos três tipos diferentes de trajectórias, que correspondem a três formas distintas de evolução das posições de significação transgressiva: umas apontam no sentido da manutenção de níveis elevados de autodeterminação, enquanto outras indicam uma maior ou menor perda de poder sobre si na fase de consumo, sendo que, na fase de abandono, todas as

trajectórias convergem no sentido da recuperação ou ganho desse mesmo poder por parte dos sujeitos.

Saliente-se, ainda, que estes indivíduos encaram a toxicodependência como algo impossível de explicar a quem não consome nem nunca consumiu; como se fosse algo que só quem "passou por lá" consegue perceber, porque viveu a experiência. Aliás, alguns indivíduos chegam mesmo a dizer que é um problema que "nós, psicólogos, somos incapazes de entender, de chegar lá, de sentir, de saber".

Estes dados fazem-nos efectivamente pensar sobre o grande vazio que ainda predomina em termos de conhecimento sobre a posição e significações dos actores nesta área. Isto é congruente com o que é preconizado por Agra, quando defende a necessidade e pertinência de "ouvir o fenómeno", de ter uma postura epistemológica acomodativa, ideia essa, que queremos reforçar.

Parece-nos que a remissão espontânea é uma prova clara de que o ser humano tem uma "tendência actualizante" e é por natureza autopoiético, o que significa que é capaz de se produzir a si próprio e de construir os seus próprios trajectos e projectos; é capaz de construir ordem a partir da desordem. Assim sendo, as drogas não têm de ter um efeito bioquímico determinista e fatalista sobre o indivíduo, porque ele também é capaz de agir sobre os factores que sobre ele exercem influência.

À luz das teorias da auto-organização e da teoria do sujeito autopoiético, sabemos que não é algo exterior ao sistema que vai despoletar a mudança, pois esta só ocorre através do próprio sistema, quando ocorre uma mudança estrutural. E o que vai fazer despoletar uma mudança estrutural não é apenas um, mas um conjunto de factores que interferem com o sistema. A intervenção terapêutica é parte integrante desse conjunto de factores, mas não o único, nem sequer o mais importante, é apenas um contributo.

Pensamos que a intervenção será tanto mais adequada quanto maior a sua capacidade de criar as condições necessárias para que o próprio sistema pessoa, enquanto sujeito autopoiético, se reorganize. Estamos de acordo com Agra quando defende uma "pedagogia da arte da existência". Mais do que "tratar" toxicodependentes, a intervenção deve ser encarada como uma forma de criar condições para que os sujeitos evoluam para níveis de significação mais elevados, capazes de lhes devolver o saber e o poder sobre os seus actos.

Contudo, não podemos esquecer que a mudança é um processo complexo, que implica um enorme investimento individual. Não é por acaso, que todos os sujeitos falam das dificuldades que tiveram de enfrentar e que descrevem o período inicial de abstinência como sendo caracterizado por sentimentos de grande vazio. Apesar da abstinência ter sido desejada, esta traduz inevitavelmente uma perda de sentido, na medida em que implica abdicar de experiências, emoções e sensações que antes preenchiam grande parte do espaço existencial do sujeito. Talvez, em certa medida, isto explique porque é que alguns dos sujeitos deste estudo mantêm actualmente o consumo de drogas leves.

Neste estudo, embora a maioria dos nossos entrevistados não atribua ao tratamento um papel central para a mudança, todos concordam que alguma forma de apoio é essencial para abandonar os consumos, aparecendo esse apoio muito associado à integração social. Efectivamente, esta parece ter um grande peso enquanto condição facilitadora da mudança. O discurso dos nossos participantes vai, em certa medida, de encontro ao de Romani (1985), quando refere que a "cura" de um heroinómano não passa tanto pela abstinência em si como pela integração social.

Contactos:

Fátima Mendes
R. Conde Ferreira, 98
4300-195 Porto

Celina Manita
CAT de Cedofeita
R. Álvares Cabral, 328
4050-040 Porto
Tel.: 222 074 990/2

NOTAS:

(1) De acordo com o paralelismo substantiva-ontológica; solidária-deontológica; solitária-lógica; projectiva-teleológica.

(2) São compósitas quando são o resultado das combinações possíveis de cada posição com os quatro planos de significação.

(3) Foi utilizado o programa Nudist, versão 4, "software destinado a auxiliar os investigadores a lidar com dados numéricos e não estruturados em análise qualitativa, facilitando os processos de codificação dos dados num sistema de categorias, de pesquisa de texto ou de padrões de codificação e de construção de teoria sobre os dados" (QSR NUD'IST 4, User Guide, 1997).

(4) "A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e seguidamente, por reagrupamento, segundo o género (analogia) com os critérios previamente definidos" (Bardin, 1977, pp. 117).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agra, C. M. (1990). "Sujet autopoiétique et transgression". *Acteur social et délinquance. Hommage à Christian Debuyst.* Bruxelas: Mordaga Edition.

Agra, C. (1997). "Droga: dispositivo crítico para um novo paradigma". In *Droga: Situações e Novas Estratégias. Actas do Seminário pelo Presidente da República.* Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Bardin, L. (1977). *"Análise de conteúdo".* Lisboa: Ed. 70.

Duprez, D. & Kokoreff, M. (2000). *"Les mondes de la drogue. Usages et trafics dans les quartiers".* Paris: O. Jacob.

Faupel, C. E. (1991). *"Shooting dope. Carreer patterns of hard-core heroin users".* Florida: University of Florida Press.

Ferrarotti, F. (1983). *"Histoire et histoires de vie".* Paris: Librairie des Meridiens.

Manita, C., Negreiros, J., Agra, C. & Guerra, M. (1997). *"Planos existenciais: droga e crime."* Lisboa: GPCCD

Morse, J. (1994). "Designing Funded Qualitative Research". In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (pp. 220-235). London: Sage.

Pallarés (1995). *"El placer del escorpion. Antropologia de la heroina e los yonquis".* Lleida: Editorial Milenio.

Romani, O. (1985). *"Dejar la heroína".* Madrid: Cruz Roja Espanhola.

Santos, C. (1998). "Auto-organização psicológica e transgressão. Análise empírio-crítica de duas figuras do comportamento desviante: criminosos e consumidores de drogas". Porto: FPCEUP (Dissertação de candidatura ao grau de doutor).

Waldorf, D. & Biernacki, P. (1982). *"Natural recovery from heroin addiction: a review of the incidence literature"* disponível em http://www.drugtext.org/articles/narehead.htm (acedido em 06/02/02).

Waldorf, D. (1983). "Natural Recovery from Opiate Addictions: Some Social-Psichological Processes of Untreated Recovery". *Journal of Drug Issues,* 13: 237-280.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Agra, C. M. (1982). "Epistemologia, ciência e patologia mental. Desviância juvenil e toxicomania: um analisador epistémico". *Análise Psicológica,* 4 (II): 529-545.

Agra, C. M. (1982). "A toxicomania: desordens bioquímicas e ordem social". *Psicologia,* III (3 e 4): 71-88.

Agra, C. M. (1986). "Adolescência, Comportamento Desviante e Auto-organizado: Modelo de Psicologia Epistemanalítica". *Cadernos de Consulta Psicológica,* 2: 81-87.

Agra, C. M. (1991). "Sujet Autopoiétique et toxicodépendance". *Centre International de Criminologie Comparée de Montréal* (documento policopiado).

Agra, C. M. (2001). "Genealogia da afecção: exercício de psicopoiese". In Michel Dupuis *et al.* (Ed.). *Dor e sofrimento: uma perspectiva interdisciplinar.* Porto: Campo das Letras.

Alves A. (2000). "Abordagem narrativa da dependência de heroína: Narrativa protótipo, estrutura, processo e conteúdo das narrativas de dependentes da heroína". Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho (dissertação de candidatura ao grau de Doutor).

Baumeister, R. F. (1991). *"Meanings of life".* New York: Guilford Press.

Baumeister, R., & Newman, L. (1994). "How stories make sense of personal experiences. Motives that shape autobiographical narratives". *Personality and Social Psychology Bulletin,* 20 (6): 679-690.

Biernacki, P. (1989). "Recovery from opiate addiction without treatment: A summary". *Social Problems,* 36 (4): 416-430.

Blumer (1982). *"El interaccionismo simbólico: perspective y método".* Barcelona: Hora.

Bruner, J. (1990). *"Acts of meaning"*. Cambridge: Harvard University Press.

Denzin N., Lincoln Y. (1995). *"Handbook of Qualitative Research"*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Escohotado, A. (1992). *"Para uma fenomenologia de las drogas"*. Madrid: Biblioteca Mondadori.

Fernandes, L. (1995). "O sítio das drogas. Etnografia urbana dos territórios psicotrópicocos". *Toxicodependências*, 1 (2): 22-31.

Fernandes L. (1997). *"Actores e territórios psicotrópicos – etnografia das drogas numa periferia urbana"*. Porto: FPCEUP (dissertação de candidatura ao grau de doutor).

Gonçalves, O. (2000). *"Viver narrativamente: a psicoterapia como adjectivação da experiência"*. Coimbra: Quarteto Editora.

Hermans, H. (1989). "The meaning of life as an organized process". *Psychoterapy,* 26 (1): 11-22.

Manita C. (2000). "Das descobertas privadas aos crimes públicos: evolução dos significados em trajectórias de droga-crime". *Toxicodependências,* 6 (2): 17-31.

Manita, C. (2001). "Evolução das significações em trajectórias de droga-crime (II): Novos sentidos para a intervenção psicológica com toxicodependentes?". *Toxicodependências,* 7 (3): 59-72.

Mendes, F. (2004). *"Vivências da abstinência: as significações do uso de drogas duras ao longo da trajectória de ex-consumidores de drogas duras"*. FPCEUP (dissertação de candidatura ao grau de mestre).

Poirier, J.; Clapier-Valladon, S. & Raybaut, P. (1983). *"Les récits de vie. Théorie et pratique"*. Paris: PUF.

Searle J. (1979). *"Expression and meaning: studies in the theory of speech acts"*. Cambridge: University Press.

Silverman, D. (2000). *"Doing qualitative research: A practical handbook"*. London: Sage Publications.

Teixeira, M. (1986). "Perspectiva Antropológica na compreensão e tratamento da toxicodependência". *Revista de Psicologia e de Ciências da Educação,* 1: 137-142.